

Redacção, administração
e Oficinas-tipoográficasAvenida Agostinho Pinheiro
AVEIRO

Campeão das Províncias

Decano dos jornais portugueses fundado em 14 de fevereiro de 1852 por Manuel Firmino de Almeida Maia

Director de 1 de Agosto de 1896 a 5 de Outubro de 1922—Firmino de Vilhena de Almeida Maia

Propriedade da Empresa "Campeão das Províncias,

ASSINATURAS—Em Portugal, 10\$00. Para a África, 18\$00.
Para os restantes países, 25\$00 (moeda forte).

Número do dia, \$20.

A cobrança feita pelo correio, acresce a importância a dispender com ela.

A assinatura é contada dos dias 1 ou 15 de cada mês e cobrada, na falta de acordo especial, no começo de cada trimestre.

Não se restituem originais

Publica-se aos sábados

Não é da responsabilidade do jornal a doutrina dos escritos assinados ou simplesmente rubricados.

ANÚNCIOS—Na 1.ª página, 1\$00; na 2.ª \$80; na 3.ª \$50; na 4.ª, \$45; na 5.ª e 6.ª 40; na 7.ª e 8.ª, bem como a publicação permanente, ajuste especial. Escritos de interesse particular, \$45. A todos acresce o imposto do selo, sendo contados pelos linémetros cp.ºs 12, 10 e 8, linha singela.

Os srs. assinantes têm o desconto de 10 % nas publicações ou impressos feitos nas nossas Oficinas-tipoográficas.

Foi já entregue ao ministro da marinha o relatório que Gago Coutinho e Sacadura Cabral elaboraram para a viagem aérea à volta do mundo.

Do relatório faz parte a proposta de que o navio que os há-de combóiar constitua uma permanente exposição de todos os nossos productos naturais e industriais.

Mrs. Maurice de Waleffe, distinto jornalista francês, publicou no *Paris-Midi* um artigo a que deu o título «O avião contra o Zeppelin». Nele refere-se a Gago Coutinho e Sacadura Cabral em termos sobremodo honrosos. Orgulhosamente os registámos, transcrevendo o final desse artigo que o *Diário de Notícias*, que tão patriótica, superior e incansavelmente tem trabalhado pela glorificação do sublime feito dos nossos aviadores, há dias revelava:

Faz em 30 de maio precisamente um ano que os dois astrónomos portugueses, Coutinho e Cabral, saltando de rochedo em rochedo através do Atlantico, em vãos de 1.700 quilómetros, conseguiram ir da Europa á America nas azas do seu «Lusitania». Chamo-lhes astrónomos porque o seu grande mérito foi o de inventarem um sextante que permite fazer o ponto astronómico sem o auxilio da linha do horizonte, muitas vezes invisível aos navegadores aéreos. Puderam, deste modo, sem se desviar uma linha, voar a 150 á hora durante perto de dõze horas para irem cair num ponto preciso, no Rochedo de São Pedro, que tem apenas 200 metros de comprimento.

A Sorbonne vai festejá-los no dia 30 de maio proximo. O Aero Club irá buscá-los a Lisboa e conduzi-los-á a Paris em avião. São dois esplendidos marinheiros e dois sábios enormes. Se um dia conseguirmos o vôo em avião até ao Brasil, é aos seus calcutos que devemos esse feito.»

O apertado da hora a que na semana passada o soubemos, não nos permitiu anunciar o reaparecimento de *A Notícia*, semanário coimbrão fundado e dirigido pelo sr. Octaviano de Sá.

16 de Maio de 1828

(COMMEMORAÇÃO)

II

Da forma por que se realisou em Aveiro a revolução de 16 de Maio de 1828 disse já no outro jornal da localidade, «O Debate». Limitar-me-ei por isso aqui a continuar o esboço dos serviços do desembargador Queiroz, que tão grande parte tomou nesse movimento que outorgou a Aveiro o justo cognome de *Berço da liberdade*.

Foi tão importante o papel que desempenhou na revolução, que a sentença da Alçada de 25 de Novembro de 1829 o condenou a que com barão e pregão fosse conduzido pelas ruas publicas da cidade do Porto, e que num alto cadafalço, que ali seria levantado, de sorte que o seu castigo fosse visto de todo o povo, a quem tanto tinha escandalizado o seu horrorosissimo delicto, morresse de morte natural de garrote e depois de lhe ser decepado a cabeça, fosse o mesmo cadafalço com seu corpo reduzido pelo fogo a cinzas, que seriam lançadas ao mar, para que dele e da sua memoria não houvesse mais noticia; nela lê-se o seguinte sobre os primordios da revolução: «Do infame, perverso e feiço-réu Joaquim José de Queiroz mostra-se o haver sido, não só o mais atrevido e ousado conspirador, cabeça e principal auctor dos tramas e maquinações que urdiram e prepararam o horroroso atentado de 16 de maio de 1828 nas duas cidades de Aveiro e Porto, mas também incansavel e poderoso agente do seu desenvolvimento e acerrimo mantenedor da sua destruidora persistencia e deploravel duração: Porque se acha provado e demonstrado até á evidencia, como se ponderou na primeira sentença desta alçada pelas correspondencias originaes deste mesmo audaciosissimo réu, apreendidas ao co-réu Francisco Silverio de Carvalho, já justicado, as quais constituem a parte mais essencial da devassa de rebelião a que se procedeu naquela cidade de Aveiro, juntas ao apenso 33.º, que o réu, a quem devorava o espirito da soberba e ambição, e do odio e vingança contra a augustissima e sagrada pessoa de sua magestade e contra as instituições salutaras e fundamentais da monarchia, que o mesmo senhor se propunha restabelecer, apenas dissolvida a camara dos deputados em Lisboa, e que o réu havia sido membro pernicioso e desgraçadamente muito influente, recolhendo-se ao obscuro e insignificante lugar de Verdemilho, de onde era natural e morador, nas visinhanças de Aveiro, entrou logo a idear e forjar o diabolico e sacrilego plano de arrancar das reais mãos de sua magestade a felicissima e gloriosissima regencia, que legalmente exercitava nestes reinos, e a estorvar a reunião dos tres estados, convocados para salvacão e segurança comum, tudo isto manobrado e procurado á custa duma subversão geral e até de uma guerra civil, se tanto fosse necessario.

«Mostra-se mais das ditas correspondencias originaes, que para levar a efeito este vastissimo e insidiosissimo plano, continuára o mesmo maleado empreendedor, de acordo com outros furiosos maquinadores confederados, a aliciar e coligar ao seu infame partido os comandantes e officiaes de varios corpos do exercito, aos quais se excediram em ssarios de confiança, que foram a Viseu, S. Pedro do Sul, Gouveia, Coimbra e Porto, para dispõ e seduzir os corpos aí estacionados ou alojados na sua marcha, os batalhões 7, 9 e 10 de caçadores, os regimentos de infantaria 6, artilharia 4 alem de outros; sendo o mesmo réu o que por seu proprio punho escrevia a maior parte das ditas correspondencias, escolhia e industriava os ditos emissarios, destinava as pessoas a quem eram

Fazemo-lo hoje, com satisfação, desejando-lhe a longa vida a que justamente deve aspirar.

Ler na 5.ª página O POETA, de Augusto Gil.

Um jornal monárquico, dizia há dias o seguinte:

«Mas desde hoje, desde 22 de Maio de 1923, em que o atentado das Cortes e o assassinio dos Prazeres marcaram duas das mais negras paginas da criminosa historia da Republica, pode e hade fazer o pais o seu juizo que não pode deixar de ser o da absoluta condenação do regime onde são possiveis tais infamias!»

Como se procura coragem para tal dizêr? Não podemos sabê-lo. Onde se encontra? Certamente na demasiada tolerância das autoridades. Sim, só ai.

O *Rebate* dizia, e muito bem: «O que aí fica é uma indignidade. E' a mais baixa especulação ao serviço de uma causa honrada. Um desvairado, despedido por um industrial, com ou sem razão, procura-o e mata-o. Que tem a Republica com esse facto puramente individual, producto de uma exaltação que ninguém pode evitar? Quantos factos identicos se deram no tempo da monarchia... Quantos! Todavia, ninguém acusou o regime, que aliás tinha muitos erros e crimes, como responsavel por eles. São factos fora de todas as previsões nos quais ha em geral duas vitimas—quem morre e quem mata.

O outro caso a que a mesma folha se refere tambem nada tem de extraordinario. E' um caso vulgarissimo de desforço pessoal.

Atribui-los á Republica é revelar a mais completa deslealdade.

Situação politica:

Longe do país o sr. Cunha Lial, os nacionalistas resolveram voltar às Câmaras isto é, acabou o conflito democrático nacionalista. Mas como durante êle os ânimos se exaltaram, os antigos camachistas querem lutar contra os alvaristas, dividindo-se os outubristas, os presidencialistas e outras pequenas facções por um e outro lados. E' o caos no par-

tido nacionalista, cáos que dista um passo apenas da ruína. O partido democrático, é, nesta altura, o *tercius gaudet*.

E' mau? Sem dúvida. Mas éra de prever. Elementos heterogéneos não podem homogeneizar-se rapidamente.

Bem o dissemos. E lastimámos não nos termos enganado ao menos desta vêz.

Notas de carteira

fazem anos:

Hoje, a sr.^a Marqueza da Fronteira e Alorna, e o sr. Lourélio Regala.

Amanhan, a sr.^a D. Joaquina Veloso da Cruz de Figueiredo, e o sr. António Rodrigues Frade.

Além, a menina Maria José Osório da Cunha e Costa.

Depois, o sr. Anacleto Pinto da Fonseca.

Em 30, as sr.^{as} Baroneza Clotilde de Cadore, D. Rosalina de Almeida Valente Soares de Albergaria, D. Maria Palmyra de Melo Salvador, e o sr. dr. Sebastião de Magalhães Lima.

Em 31, a sr.^a D. Marília do Conceição Maia.

Em 1 de junho, a sr.^a D. Lidia Pires Fernandes.

Visitantes:

Vimes estes dias em Aveiro, os srs. João Machado, Tesoureiro da C. dos Caminhos de Ferro do S. e S.

♦ Com sua esposa esteve em Aveiro, o sr. dr. Gonçalo Vieira, médico em Estarreja.

Viageiros:

De visita aos seus, estão em Aveiro, as Sr.^{as} D. Maria do Amparo e D. Maria Emília Pereira de Vilhena.

♦ Acompanhado de sua esposa, regressou de Lisboa o sr. dr. Alvaro da Silva Sampaio, distinto professor do nosso Liceu.

♦ A bordo do vapor «Guiné» deve partir em breve para a África o sr. Lutero Correia Rosa, filho do saudoso João Rosa.

Que a fortuna, que bem merece, lhe corra próspera, é o que muito sinceramente desejámos.

Enfermos:

Com um ataque de gripe, tem estado doente a sr.^a D. Maria do Céu de Moraes da Cunha e Costa.

♦ Também com um ataque de gripe, esteve doente o nosso prezado amigo, conceituado e querido comerciante local, sr. Manuel Maria Moreira.

Aniversários

A Voz da Justiça

Completo há dias 21 anos o bisemanário figueirense *A Voz da Justiça*. Eis uma notícia simples, mas que nos desperta um grande, um intenso entusiasmo.

Um ano, pouco ou nada é.

Pásua num ápice. Para a vida dum jornal, porém, um ano representa uma soma extraordinária de extraordinários esforços, um dispêndio de inergia que só um arreigado amor a um fito compensa. Claro que há jornais e jornais. Mas estes, nada valendo, nada sendo, vivem é certo, mas... *passé*.

Ora *A Voz da Justiça* é um jornal que marca, tanto pela firme orientação que segue e pela sua probidade, como pelo valor dos escritos que sempre encerra

dirigidas e preparava de antemão o espirito daqueles corpos, alienando-os pela comemoração sediciosa de escriptos e periodicos subversivos, que outros conspiradores traçavam dentro e fóra do reino.»

Realizada a revolução em Aveiro, Queiroz seguiu na tarde do mesmo dia 16 de Maio, para o Porto embarcando em barcos vindos de Ovar com o batalhão de caçadores 10 na força de 280 praças.

Chegado ali passou a fazer parte da Junta, e como delegado dela, conjuntamente com o seu presidente, o coronel de artilharia Duarte Guilherme Ferreri, coronel de cavalaria 12 Francisco da Gama Lobo Botelho e desembargador José Joaquim Gerardo de Sampaio em direção a Coimbra, chegando a Aveiro no dia 18 de Junho, em que lhes foi oferecido um grande jantar na sala das sessões da câmara. De regresso de Coimbra appareceu em Aveiro na tarde de 27 com a triste nova da retirada do exercito constitucional batido na Cruz de Maranços, o que encheu de pavor os constitucionaes aveirenses.

Os que se julgaram mais comprometidos procuraram logo barcos e seguiram neles com destino ao Porto, entrando nesse numero uma grande parte dos que se haviam alistado no batalhão. Ao mesmo tempo muitas familias refugiavam-se na praia de S. Jacintho, pois espalhou-se que os miguelistas vencedores vinham sobre Aveiro, onde o saque seria inevitavel como desforço da parte importante que esta cidade tinha tomado na revolução.

No dia seguinte, 28, dava-se o combate do Vouga, ouvindo-se aqui distintamente o ribombar da artilheria. Julgando a causa da revolução por assim dizer perdida, Manuel Maria da Rocha Colmeiro, Caetano Xavier Pereira Brandão e José Henriques Ferreira, enquanto que as tropas constitucionaes defendiam denodadamente a ponte do Marnel para assim sustarem por um pouco a marcha triunfadora dos absolutistas, vieram a esta cidade, com alguns soldados de caçadores 10 e de cavalaria, buscar o dinheiro existente no cofre das obras da barra, que estava no convento do Carmo. Cercado o edificio e como comparecesse apenas um dos três clavicularios, que foi o juiz de fóra Manuel Luiz Nogueira, foi o mesmo cofre arrombado por ordem deste, e tirado todo o dinheiro que continha, que eram 3:827.463 réis, quantia que aquelles levaram para o Porto.

Vogal da Junta do Porto, era solidario na condemnavel frouxidão com que esta se houve em dirigir a revolta tão auspiciosamente começada e para que ele muito concorreu, mas essas faltas redimiu-as com a sua resolução de acompanhar para a Galiza o exercito fiel. Dissolvida a Junta em 2 de julho de 1828, todos os seus membros, com excepção unica de Queiroz, embarcaram no vapor *Belfast* com destino a Inglaterra.

Na madrugada de 2 de julho saía este barca a barra do Porto e do campo de Santo Ovidio punham-se em marcha para o exilio todo o exercito constitucional, e com ele uma multidão enorme de povo de todas as classes e gerarchias, homens, mulheres, creanças, velhos, ricos e pobres, todos fulminados pelo infortunio, e resolvidos todos a abandonar a patria, por temerem as duras perseguições e barbaridades do partido vencedor.

Nem um só membro da Junta dissolvida acompanhava esta espantosa emigração, a não ser o respeitavel ancião e honrado Joaquim José de Queiroz, que fóra um dos seus secretários, escreve Soriano.

Referindo-se ao facto, escreve Silva Maia:

«Esta multidão, pois, que posso calcular em mais de 12:000 almas, marchou do campo de Santo Ovidio pelas cinco horas da manhã, levando á sua frente o brigadeiro Pizarro e o desembargador Queiroz, o unico dos membros dessa Junta que fez causa comum com estes infelizes, ou porque os seus colegas lhe não permitissem passagem no *Belfast*, ou porque ele preferisse antes seguir as tropas e o povo, esposando seus trabalhos, do que acompanhar desertores, que levavam, é verdade, todas as comodidades, mas não menos vergonha.»

O desembargador Queiroz, havendo compartilhado todos os trabalhos por que passaram os valentes defensores da liberdade, através da provincia do Minho e depois em Hespanha, embarcou com eles para Inglaterra, donde mais tarde passou á Belgica. Foi duma cidade deste paiz que ele dirigiu o seu celebre protesto ao ministro brasileiro marquez de Santo Amaro. É bem sabida a missão de que vinha incumbido este diplomata ao ser enviado por D. Pedro á Europa: o reconhecimento de D. Miguel, tendo por base o casamento deste com D. Maria II e uma amnistia geral e completa para todos os crimes políticos, restituição dos bens confiscados e rehabilitação dos que haviam sido condemnados á morte pelos seus principios liberaes; mas o que é pouco ou nada conhecido, é o protesto de Queiroz a que nos vimos referindo. É um documento de valor. Foram bastantes os protestos que appareceram então e num deles, datado de Ostende, aos 27 de agosto de 1830, figura Queiroz conjuntamente com os seus antigos colegas da câmara dos deputados, João Maria Ghapuzeth e Vicente Nunes Cardoso.

Dos escritores portuguezes que mais largamente se tem occupado deste assunto, taes como Soriano, Barão de S. Clemente e

Ocorrências de 1922

Dia 26 de maio—Calor intenso, ameaçando à tarde trovoadas.

Dia 27—Manifesta-se uma grande trovoadas, que felizmente não causa estragos.

Dia 28—O mesmo tempo do dia anterior.

Dia 29—Mais calor, que para a tarde e noite descamba em trovoadas.

Dia 30—As cerejas attingem no mercado o custo de 1\$60 o quilo.

Dia 31—Proseguem os calores e as trovoadas.

Dia 1 de junho—Junho ilumina-se de sol, mas à tarde descarregam grandes bategas de agua em seguida a uma forte trovoadas.

—é um jornal que dignifica a imprensa portuguesa.

Que continue. Só nos regosijámos com isso, e parabens, se a alguém os damos, não é a *A Voz da Justiça*, mas a nós mesmos pela honra que dum colega assim nos cabe.

Folhetim

O espaço de tempo que medeia entre um número e outro dum jornal semanal, obriga a que os jornais de provincia não reservem nem um cantinho das suas columnas para um folhetim. O mais interessante perderia o interesse.

Querendo, porém, atender os vários pedidos que nos têm sido dirigidos, iniciaremos hoje a publicação de pequenos folhetins, que terminarão logo no número em que começem ou no seguinte, e para os quais escolheremos verdadeiras jóias literárias, dos melhores cultores da nossa lingua, satisfazendo assim os desejos dos nossos leitores e divulgando o que conhecido de todos deve sêr.

No número de hoje, encontrarão já os nossos leitores um mimo literário da inconfundível pena de Augusto Gil, o burilador da *Alba Plena* e do *Luar de Janeiro*, uma deliciosa prosa, tão simples quanto admirável na forma e na concepção—*O Poeta*.

ASILOS

Do nosso prezado amigo sr. Manuel Lopes da Silva Guimarães recebemos a seguinte carta, a que no número passado não demos a pedida publicidade por falta de espaço e de tempo:

Ex.^{mo} Sr. Director do jornal «Campeão das Províncias».—Na qualidade de presidente da Co-

missão Executiva da Junta Geral, cumpre-me o dever de vir a publico esclarecer o assumpto—Asilo Escola Districtal—por V. Ex.^a tratado no n.º 6842 de 5 do corrente, esperando da sua lealdade a publicação destas linhas.

Diz V. Ex.^a na referida local que os asilados andam rotos, descalços e com os colarinhos compridos. A directora, ajudantes e creadas que ganham uma miseria, sendo destes factos a Junta culpada.

Permita-me V. Ex.^a que lhe diga que está muito mal informado do que se passa no Asilo e ao mesmo tempo que ignora, ou deseja ignorar por completo, as leis porque teem de ser administrados os assumptos a cargo das Juntas Gerais.

As leis são claras nestes pontos porque preveem que todos os empregados internos destes organismos, lhes são pagos os ordenados e respectivas subvenções, tendo estas um desconto de 75 %, visto terem casa, comida, luz, etc., etc..

Por isso vê V. Ex.^a que a Junta cumpre o que lhe determina lei e se esta é má e V. Ex.^a se interessa por tão curioso caso, deverá atacar a lei e não as pessoas que teem a responsabilidade de as cumprir.

Sobre creada, tem a Junta regularizada a sua situação monetária no orçamento do corrente ano, faltando-lhe apenas a sua aprovação pela Junta deliberativa, este mez, para poder executar com a verdade que deseja imprimir a todos os actos de administração honesta.

Sobre cabelós compridos, deverá V. Ex.^a atribuir essa responsabilidade se é que existe (pois não vimos cabeleiras taes a que alude) a quem tem obrigação de zelar pela limpeza dos internados e não aos membros da Comissão Executiva, que por certo não teem essa missão.

Sobre calçado também devem informar V. Ex.^a que há dois mezes mandamos calçado para todos os asilados, o que lhe será facil indagar.

Para terminar deverei dizer mais que os empregados da Junta ganham aquilo a que a lei lhes dá direito e os empregados do asilo (internos) a lei manda que ás subvenções se lhes faça o desconto de 75 % e esta Junta, por achar demasiado esse desconto, só lhe tem feito o abatimento de 50 %.

Já vê pois V. Ex.^a que a verdade é muitas vezes atraçoada.

Pedindo desculpa do espaço que lhe tomei

Sou

De v., etc.,

Aveiro, 17-5-923.

Manuel Lopes da Silva Guimarães

Nós não queremos, por mais que a isso nos pretendam impelir, sustentar pequenas discussões que a nada aproveitem, e muito menos com amigos ou antigos conhecidos, de quem só provas de estima temos recebi-

José d'Arriaga, etc., nenhum conheceu, ao que parece, o protesto de Queiroz, de 10 de agosto de 1830, que não é menos energico nem de inferior valia a todos os outros citados por eles. É um interessantissimo documento, sob todos os pontos de vista, que mais tarde se publicara aqui.

III V. Marques Gomes.

do. Discussões pequenas, só têm um resultado—conso-mições, arrelias, zangas, inimizades. Vale a pena? Não, indubitavelmente não.

Falando dos Asilos, e arredada, pois, a ideia duma discussão, só uma coisa visámos: constatar o deplorável estado em que se encontram esses institutos de beneficência, mostrar à evidência que é preciso olhá-los com cuidado e amor. Mais nada. Na honestidade da administração e gerência da Junta, não falámos nem falámos. Nós conhecemos bem V. Ex.^a, sr. Guimarães, como toda Aveiro conhece. O seu nome à frente da Junta, é como uma sólida cota a cobri-la. Provas em contrário desta nossa convicção, se possível fôsse existirem quebrar-se-iam contra o nome de V. Ex.^a, como se de vidro fôsses feitas.

Diz V. Ex.^a que nós desconhecemos as leis por que são administrados os assumptos a cargo das Juntas Gerais. Diz mais. Diz que as desconhecemos ou «queremos desconhecer». Isso é que não é bem. Talvez as desconheçêssemos, mas a carta de V. Ex.^a veio ensinar-no-las, e hoje, pelo menos no que respeita aos ordenados dos empregados dos Asilos, graças à elucidação de V. Ex.^a nós (vá lá o lugar comum) sabemos-las de cór e salteadas

A lei manda reduzir 75 % nas subvenções—é V. Ex.^a quem o diz, e nós, tanto é o crédito que V. Ex.^a nos merece, nem mesmo fomos ver se assim é. Acreditamo-lo piamente. A Junta entende, porém, que isso é um exagero, e limita essa redução a 50 %. Só temos que aplaudi-la. Mas nós, no n.º 6.842, de 5 do corrente, não criticámos a Junta por dar aos empregados dos Asilos «pequenas subvenções». Não, nós falámos nos «ordenados», e estes não os manda a lei reduzir, antes racionalmente os deve mandar aumentar—assim o cremos por que V. Ex.^a, falando duas vezes na redução das subvenções, nem sequer alúde

aos ordenados. Ora estes é que são ridículos. Veja V. Ex.^a: Directora, 30\$00; uma ajudante, 12\$00; um ajudante, 26\$00; uma creada, 6\$00. Têm casa, cama e mesa? Sim, mas a mesa qual é? A mesma dos asilados, exactamente a mesma, sem nada a mais, sem a mais leve melhoria. E V. Ex.^a de certo não quer que especifiquemos, que digamos qual é o almoço e qual o jantar. 20 escudos, é já o ordenado de uma qualquer creada. E esta, que também tem casa, cama e mesa, não tem, porém, as despesas a que se não podem furtar a Directora e Ajudantes dos Asilos, que não vestem nem calçam, nem devem calçar nem vestir, um ordinário chaile e umas chinelas baratas.

Mas se a lei manda reduzir também os ordenados (!)

Cabelos por cortar, vimos-lo nós, e viram-os todos quantos acompanharam o fêretro do saúdoso Reinaldo Torres. Indicámos nomes, se for preciso. E fomos nós que vimos os colarinhos estrangulados pelas golas dos casacos, as botas espipadas, etc., etc.

E' uma miséria, uma triste e inexplicável miséria.

Ganham os empregados da Junta aquilo a que por lei têm direito? Mas que ganhem, mais até, sr. Guimarães. Nestes tempos, tudo quanto se ganha é pouco para o estrictamente indispensável. Não censurariamos a Junta por tal. Só queríamos, só desejávamos sabêr e ver que aos Asilos e aos seus empregados se olha como se deve.

A verdade, vê V. Ex.^a, não foi atraçoada desta vêz, Só V. Ex.^a se enganou, vendo em nós uma intenção que o nosso antigo conhecimento não permitia a nós, têr e a V. Ex.^a, imaginar que tivêssemos.

Um remoque é muitas vezes um conselho. Estamos absolutamente convencidos de que, «com a lei na mão», a ela por nós chamada, a Junta vai providenciar para

que de futuro se não continue na lástima em que se caiu—os ordenados serão melhorados, os colarinhos serão graduados pela circunferência do pescoço de cada asilado, as botas terão um aspecto decente, como também as fardas, os cabelós serão aparados periodicamente, e até (quem sabe), o orçamento será organizado de forma a que possam fazer duas mesas nos Asilos: uma para asilados e outra para os empregados.

E todos viveremos na santa paz do Senhor.

Casa

De dois andares, com quinta que mede 500^m², vende-se na Rua Eça de Queiroz n.º 15, onde se deve tratar.

Movimento local

Festa Nacional de Educação Física.—Como noticiámos, realiza-se à naphan, às 17 horas, no campo do Côjo, a Festa nacional de educação física, estabelecida por lei, e na qual tomam parte os alunos do Liceu e da Escola Primária Superior, em número aproximado de 500. O programa, consta de: Cantecorral, parada de ginástica e jogos atléticos, abrilhantando a festa a Banda de Infantaria 24, gentilmente cedida pelo Comandante Militar, e superiormente dirigida pelo chefe, nosso prezado amigo, sr. Lourenço Cunha.

Esta festa tem um fim altruista—o de reverter o seu producto para a fundação de escolas ao ar livre. De esperar é, por isso, que seja grande a assistência, tanto mais que as festas promovidas pela mocidade portuguesa, acompanhada pelo disvelado critério dos seus orientadores, callam fundo no ânimo de todos os que compreendem que essa mocidade deve têr sempre a animála um espí ito alegre e são.

E o **Campeão**, congratulando-se com a bela orientação que o nosso Liceu esta dando às coisas escolares, aproveita esta oportunidade para saúdar entusiasticamente tanto o seu corpo docente como o discente, por isso que ambos êles honram sobremodo o Liceu Vasco da Gama, considerado já hoje um dos primeiros estabelecimentos de ensino do país.

Caminhos de Ferro.—Entra em vigor no próximo dia 1 o novo horário da linha do Vale do Vouga, sendo Aveiro beneficiada com mais um combói, o que vem satisfizer plenamente os desejos do público. Outro local, ânos aos nossos leitores o novo horário das partidas e chegadas de Aveiro

Também no dia 1 começa a

Homens e datas--Paisagens e monumentos--Jornais e livros (Bibliografia)--Documentos--Notícias de Aveiro e seu districto

XVIII

Bibliografia

Camara Municipal de Ilhavo. Illium série de subsidios para a historia de Ilhavo. I Um projecto de brazão d'armas concelhio por Antonio Gomes da Rocha Madal, Coimbra, Grafica Coimbricense, Limitada 1922.— 4.º 56 pag.

XII

Foram os lavradores que edificaram a capela de N. Senhora do Pranto, que segundo a tradição foi a primeira igreja parochial; não como hoje existe, mas outra, de que esta não é a primeira nem talvez a segunda reedificação. Era esta capela até os nossos dias, o orago dos lavradores do sitio; chamavam-lhe sua, e eram com efeito eles, os seus mordomos e festeiros, assim como alguns tem sido os usurpadores, ou por desleixo, destruidores, do rico patrimonio, com que a devoção de seus antepassados, largamente dotou esta ermida.

Cumpra mais notar que ainda hoje se chama—*passadouro*—a um sitio proximo da raiz da primeira das valas, a que me referi, nome que lhe foi dado, como creio, porque as águas do canal só ahi permitiam facil passagem, talvez por meio de algum toco pontilhão ou de alpendres, e, a vau; sendo esse local ponto forçado do caminho que das partes de Aveiro seguia para Sôza, Vagos e mais terras a sul e sudoeste; ainda hoje é seguido pelos padeiros que diariamente vão do Vale de Ilhavo a Aveiro vender pão, e era antigamente mais direito do que o outro que seguia por Verdemilho e Ribas, em parte aproveitado pela actual estrada.

Foram pois lavradores colonos os que deram principio á vila; sendo de presumir que ao mesmo tempo que nascia esta povoação, e seguidamente, á medida que se foram combinando os dois factores—crescimento da população e aptidão dos terrenos para a cultura, outros cultivadores se fôsem estabelecendo, assim na área da antiga vila como fóra dela. Dessa área da antiga vila, porque a da vila actual é muito maior, compreende Alqueidão, Casal e Lagoa, que até os nossos dias, eram lugares separados da vila, por forma que se um official de justiça ia em diligencia até á ultima casa de Cimo de Vila, enquanto que apenas transpuzha, em serviço, o estreito pontilhão, que ao lado da capela das Almas dava passagem para Alqueidão, já vencia cami-

nho. Foi em sessão de 29 de setembro de 1837 que a Câmara Municipal declarou incorporados na vila esses três lugares. Até essa data compunha-se a vila apenas das ruas—Nova—da Igreja (do adro ou Oitão—Direita—Fontoura—Cimo de Vila e Espinhoeiro, com as suas inumeraveis vilas e becos (carris).

O Casal deve ter recebido o nome da primeira habitação ali construída; o lugar do Pantano que ainda há poucos anos existia ao lado norte da Quinta dos Tabeleiros, que hoje pertence a José Domingues Largo o Imaginario Junior, pantano que ia desde a ultima casa ao sul, na qual morava no primeiro quartel deste século (XIX) um lavrador de apelido—Penguinho—a feres das Ordenanças, até o ponto em que o caminho se bifurca—á direita para o Bomsucesso e á esquerda para o Corgo Comum, sitio ao qual por corrupção se chamava geralmente—Corgo do mum.

Do nome de Alqueidão ignora a origem; há no reino varias terras assim chamadas, como nos concelhos de Porto de Móz, Torres Novas e outras. Talvez seja de origem arabe, como outras começadas por—al—Alcatim aljezur, almanzor e muitas outras.

Não pertenciam portanto esses lugares á vila como parte dela, apesar de tão proximos, por se acharem separados da Ilha pelo canal, mas é de crer começassem a ser povoados pelo mesmo tempo em que começou a povoação do Cimo de Vila, porque de Alqueidão até o Corgo Comum os terrenos são altos e deviam prestar-se á exploração agricola.

A Chousa Velha está dentro da—Ilha—e recebeu este nome, o lugar da primeira fazenda ali agricultada a que se chamava Chousa (Viterbo nesta palavra), e Velha em relação a outras chousas mais modernas, como chousa nova, chousa do fidalgo, etc.

Se pois o primeiro elemento constitutivo da população foi aqui como em toda a parte, o agricultor, é certo que ela não podia desenvolver-se até o ponto de alastrar por toda a vila actual.—São conhecidas inumeras povoações exclusivamente agricolas, tendo hoje, com insignificante differença, a mesma população que tinham há três ou quatro séculos.

Entre os nossos lavradores os rapazes não costumavam casar-se cedo; é mister demorassem alguns anos em companhia dos pais, auxiliando-os nos trabalhos dos campos afim de pouco se dispender com jornaleiros, e possa pagar-se alguma divida, se a há, remir um fóro, comprar e melhorar um predio; enfim para ajudarem ao aumento da casa, e po-

derem ter melhor dote em casamento e maior legitima depois. Além disso, os casamentos, em geral não são feitos por inclinação; é mister procurar, discutir e apreciar, afim de acertar-se com noiva, que tenha ou haja de vir a ter fortuná pelo menos igual, o que leva seu tempo.

Pode objectar-se ao que acima afirmo com o rapido crescimento da população da Gafanha, que em menos dum século se elevou de vinte ou trinta fogos a 653 (estatut. de 1893); mas essa objecção não colhe. Quando, em 1834 a 36, José Ferreira Pinto tratou de subenfitutisar os terrenos por ele aforados ao Marquez de Vagos, atraiu a eles familias inteiras de colonos dos concelhos de Vagos, Mira, Cantanhede e outros, que vieram estabelecer-se ali; e, posto seja inegavel que esta raça é extraordinariamente prolifera, não teria crescido tanto a população, se a imigração de novos colonos não continuasse a reforçal-a, á medida que os terrenos dominantes vão levando para o sul, apparecem em condições de poderem ser agricultados.

Portanto, para que a vila chegasse a conter a população que hoje encerra, forçoso éra que, além da terra para cultivar, outra industria apparecesse, cuja exploração houvesse de fornecer-lhe os indispensaveis meios de subsistencia.

E essa industria foi a da pesca.

Os pescadores

Em uma memoria transcrita no diário—*O Seculo*, de 31 de dezembro de 1893 diz o sr. Diniz Gomes ser tradição que—pelos anos de 1572 antes da era christá deportára á Lusitania Bacebro, filho de Semele, acompanhado de muitos Gregos, e que relacionando-se com os povos desta região, lhes dera para rei um tal Lydias; sendo provavelmente por essa época, ou pouco depois, que uma colonia de Gregos, da formosa raça pelagira, entrando a fôz do Vouga, se estabelecerá nas margens deste rio, sendo dela procedentes os pescadores de Ilhavo.

Convenho que haja essa tradição, como outras há; Deus me livre porém de embrenhar-me no labirinto das tradições. Que os pescadores provêm de uma raça diferente dos primitivos habitantes, os lavradores, é para mim fóra de toda a duvida; é manifesta a tão pronunciada differença entre uns e outros nos habitos, nos costumes, trages, no acentuado da fala, em tudo, embora sua differença seja actualmente muito menor do que ainda éra nos principios deste século.

Convenho pois na vinda da Colonia; que ela fôsse grega ou fenicia tambem não o duvido, não só por ser de tradição constante, mas tambem pelo tipo elegante e gracioso daquela formosa raça, pelo seu talhe esbelto, pela regularidade e delicadesa de suas feições e contornos; mas quanto ao ponto preciso donde vieram, em que tempo e que evoluções, revoluções ou fenomenos produziram essa emigração nada se sabe, nem creio que possa averiguar-se cousa alguma a tal respeito.

Deixo em paz o que se tem dito e escrito dos tempos fabulosos; posto que mui devotado á minha terra, não pretendo nobilitar-a em foros de tão remota e incerta antiguidade.

Seriam pescadores das margens do Mediterraneo, que fugindo ás invasões Mahometanas, viessem esmolando de porto em porto até se fixarem nestes sitios?

E digo, nestes sitios, porque é para mim de fé que não foi sómente Ilhavo que recebeu colonias de pescadores estrangeiros, mas tambem Aveiro Ovar, e a Murtosa:

Viriam por occasião das Cruzadas?

Seriam chamados por alguns dos antigos Reis ou Senhorios da terra com o fim de aumentarem a população e fazerem crescer pela pesca os rendimentos collectaveis?

Ou atraídos pelos armadores, comerciantes e maritimos de Aveiro, que nos tempos aureos da sua navegação e commercio frequentavam diversos portos do norte e, por ventura, do Oriente, ou pelos que em navios dessas paragens vinham negociar áquella vila, dando-lhes uns ou outros noticia da grande abundancia de peixe e caça que nas Costas e na ria então havia, e da falta de braços para a exploração destas riquezas?

Viriam todos ao mesmo tempo ou por vezes?

São questões que não sei resolver; que as indague, estude e resolva quem poder e quizer.

Creio porém que ninguem o conseguirá.

Os pescadores são, tanto ou quanto, cosmopolitas: é conhecida a facilidade com que mudam de terra indo procurar trabalho, onde se lhes afigura mais lucrativo.

Nos n.ºs seguintes continuarei a reproduzir nestas interessantes notas do falecido conselheiro José Ferreira da Cunha, illustre filho d'Ilhavo.

Marques Gomes

vigiar um novo horário da C. P. Aveiro, vai ter mais um *tramway*, com partida para o norte às 10,40. O *Sud-Express* para o norte, pássa a parar em Aveiro às 13,30. O serviço de rápidos é aumentado, devendo estes, graças ao valimento do sr. dr. Pedro Chaves, parar em Ovar. No próximo número diremos o novo horário.

Foot-ball. — No domingo passado, o *Onze dos Galitos*, que jogou bem, venceu o *Beira-Mar* por 3-1.

Em virtude da festa nacional de Educação Física a realizar no campo do Côjo, fica adiada para o dia 3 a continuação do Campeonato da cidade.

O 1.º *team* dos *Galitos* vai amanhã, 27, à Figueira da Foz, jogar com o *team* da «Associação Naval 1.º de Maio», campeão da Figueira.

Caixa Geral de Depósitos. — O movimento da Circunscrição de Aveiro da Caixa Económica Portuguesa no mês de Abril findo, foi na sua totalidade de Esc. 2.805.474,79, sendo de Escudos 1.469.313,13 de depósitos e de Esc. 1.336.161,77 de levantamentos, o que dá um saldo de Esc. 133.151,36, que adicionado ao saldo existente em 31 de março, prefaz o saldo de 7760.052,40 Esc.

O movimento do Serviço de Transferências, foi de Esc. 3.189.627,94, sendo de Escudos

Nas nossas oficinas executam-se desenhos para monogramas, brasões, etiquetas, alegorias, etc.

1.906.579,07 de requisições e de Esc. 1.283.048,87 de cheques pagos.

Brindes. — Da *Casa da Costeira*, propriedade do conhecido comerciante local sr. Souto Rato, recebemos um gentil brinde, a que está certamente reservado um ótimo acolhimento por todos os aveirenses e principalmente por aqueles que a Aveiro venham ver o que de belo Aveiro tem.

São duas colecções de lindos postais, muito bem impressos e em boas cores, contendo todas as vistas das principais artérias e os maravilhosos panoramas da nossa terra.

Os nossos agradecimentos.

Vale do Vouga. — A começar em 1 de Junho próximo, é este o novo

Horário dos combóios

Partidas de Aveiro	Chegadas a Aveiro
Mixto.... 9,35	Mixto.... 6,59
Mixto.. (c) 13,45	Mixto.... 12,16
Mixto.... 19,00	Mixto.... 16,53
Mixto.. (e) 20,05	

(c) Efectuam-se ás segundas quintas e domingos.
(e) Efectuam-se quando forem anunciados.

Farmácia de serviço. — Conforme o estatuído, está de serviço permanente amanhã, a *Farmácia Moura*, à Rua Manuel Firmino.

Casa

Vende-se no Largo do Vale do Vouga, próximo da Fábrica da Lixa, um prédio de casas com quintal. Quem pretender comprar, dirigir-se-á ao sr. Caetano Gomes, residente no mesmo prédio.

VENDE-SE um coupé em bom estado. Quem pretender, dirija-se a Luís Couceiro da Costa, Rua do Gravito—Aveiro.

Moto Triumph

em estado de nova Vende-se Nesta redacção se diz.

—Da humildade?... interroguei surpreso.

—Sim, da humildade. Encha com ela uma taça d'oiro, e tomara a fôrma da taça. Deite-a depois num vaso tósco de barro humilde e vê-la há humildemente aconchegar-se ás linhas rudes desse vaso ingénuo.

A tudo se acomoda, a tudo se sujeita, sejam quais forem os laços que a prendam. Se a saltam porém, irá descendo, descendo, solicita e contente, ao mais baixo que puder. Ah! não calcula, meu amigo, a doce comoção que eu sinto, quando vejo um fiozinho d'água manar na altura sobranceira dum monte e correr logo, numa pressa alegre, da eminencia em que nasceu para a estreita inferioridade dos vales.

Quando alguma coisa a detem, tornea-a se pode numa curva tímida e trémula, para proseguir na interminável descensão. Se o não consegue, espera que outra água chegue e se lhe junte, e sobe—sobe é verdade—mas apenas o bastante para ultrapassar o nível do que a prenda e retomar logo a descida em que viera.

Se o obstáculo que a reprêsa é incontornável, e a água que se junta é muita, tamanha se torna a sua ância de humilhar-se que o abate e despenha para se abater e despenhar com elle...

Quando não logra proseguir, alastra, espalha-se, esconde-se na terra até onde a porosidade o consente: e a demais que fica á

Flores

No viveiro pertencente à Família dr. Casimiro Barreto Ferraz Sachetti, na antiga Avenida do Governo Civil, vendem-se plantas e flores de todas as qualidades e variedades, para jardim.

Tratar com Abel Luís Pereira.

Diversas

Numa reunião há dias realizada nas salas de *O Mundo*, os estudantes republicanos de Lisboa discutiram e assentaram as bases duma propáganda, em que ardentemente se empenham, dos seus princípios republicanos.

E' uma iniciativa nobre e que dispensa encómios. Contra a campanha monárquica, que nas escolas superiores

flôr, torna-se quieta, lisa, —e emudece de tristeza...

Tristeza resignada todavia. O que sobre ela se debruce ou passe: rostozinho de pastora, ave do céu, nuvem do ar, imediatamente o reflecte e reproduz no desejo de que a face que se mira, a ave que vóa, a nuvem que passa, se vejam a si próprias sem darem por ella...

E se qualquer coisa a tóca: um grão de terra que se desagrêga, uma folha d'arvore que se desprende, —estremece, por se vêr surpreendida, num arripio que a percorre toda.

Não é afinal tudo isto uma viva alegoria da humildade?

Para que a toada embaladora da sua voz continuasse a acariciar os meus ouvidos, objectei timidamente:

—Tambem é humilde a água que se evapora? Não sobe ella a tal altura que nem as águas lá chegam?

—E' certo; mas sobe invisível quase sempre, ou então num fumo ténue que na ascensão se adelgaça, cada vez mais, até se desfazer de todo...

—E a névoa? E as nuvens?

—A névoa? A névoa é como a felicidade. A gente vê-a quando está distante—e da que nos rodeia não vê nada... As nuvens? Só se tornam grandes quando a água que as fôrma está preses a desfazer-se em lágrimas...

—Lágrimas d'água que teem, ás vezes, cóleras de raios...

(Acaba no próximo número)

Lugares selectos

O POETA

da Gente de Palmo e Meio,

de AUGUSTO GIL

Maria, poisando as mãos esguias na balastrada de granito, ficou a olhar absorta as águas múrmuras do mar.

... E eu, homem de som e de ritmo, a quem a materialidade raramente enleva, contemplava maravilhado o talhe «primitivo» das suas mãos, duma brancura de magnólia aberta, e todas enredadas de veiazinhas azuis.

Eleu, que por uma estrofe sem mácula daria de bom grado todos os sagrados mármores da Hélada senti, nesse instante, quanto de milagroso haveria em domar a bruteza dum bloco de Páros até que o cinzel afeiçoasse nêle a infinita candura daquelas mãozinhas debeis...

O seu olhar quedou-se mais longe, na linha afastada em que a concha do céu poisava no espelho das águas.

... E eu, homem de som e de ritmo, para quem a côr só vale pelo que de verbalizável contenha quedeime a contemplar maravilhado aqueles olhos únicos, tão cheios de translucidez que dir-se-iam feitos dum azul que fôsse luz, duma luz que

fôsse líquida; olhos que ao poisarem-se nas coisas pareciam entornar-se por sobre ellas. Assim, tudo em torno me parecia, na tarde quieta, um reflexo, um derramamento dos seus olhos; porque tudo em verdade era azul: o céu alto, o amplo mar,—a própria sombra que o terraço projectava...

—Gosta do mar? perguntou-me.

Disse lhe que não... E justifiquei: A beleza só é perfeita quando equilibrada e serena. Ora o mar é a intranquilidade eterna. Demais, a grandiosidade deixa de ter beleza se não fôr variada. E o mar é monótono: uma onda, outra onda, e outra, e outra ainda... Lembra-me os dramas do velho Hugo: sempre, sempre, sempre alexandrinos...

—Para que é falso? ralhou ella com um gestozinho d'amuada.

E depois, com a literária fluência de quem repetia o que muita vez pensara, ou até de quem reproduzia alguma página do seu diário íntimo, acrescentou:

—Deus fez com a água a epopeia da humildade.

se vem realizando por pequenas intrigas e risíveis carolices, o que dava a impressão de que a mocidade portuguesa se arrasta numa decadência que não existe, surge agora uma pleiade de novos que luta à luz do dia e com as armas límpidas dos seus ideais superiores. Felicitamo-los, e felicitamo-nos.

Nessa reunião, foi apresentada uma moção de que destacamos para um leve comentário, o seguinte considerando: «que a restauração monárquica provocaria uma grave perturbação interna, e agravaria o descrédito externo, abalando assim os alicerces da sociedade portuguesa;»

Restauração monárquica em Portugal, é evidentemente uma utopia. E' ver o pouco crédito, digamos mesmo a nula consideração que em todo o mundo gosam os caudilhos portugueses do *ancien-régime*. Um exemplo basta:

A principal arma com que pretendem ferir a República é a da religião, a guerra que a República faz (dizem eles) a Roma. Se assim fôsse, se realmente entre a República e a crença existisse a antinomia que apregoam, éra lá, no Vaticano que os monárquicos deveriam ter as maiores simpatias. Pois é à própria Cúria que vamos buscar o exemplo, a prova da irrealdade duma monarquia portuguesa: a imposição do barrete cardinalício a Mrg. Locatelli. D. Manuel II protestou, dizendo que a prerogativa da circumcissão lhe pertencia a elle, único e legítimo soberano de Portugal. E a imposição fez-se, e o protesto ficou no cesto dos papéis velhos, sem sequer obter uma resposta consoladora e servindo de pasto a jocosas críticas nos amplos claustros, salas e jardins do Vaticano.

Restauração da monarquia! Mas só em hipótese, para deduções.

Há mais: «agravaria o descrédito externo». Engano na redacção da moção, certamente.

Devemos crer que os illustres académicos queriam dizer «traria, acarretaria o descrédito externo». E assim estava certo. E' que «agravar um mal» supõe a existência desse mal—mal de que feliz-

CHAPEUS
Para senhora e creança
LINDOS MODELOS e copias. Cascos, sédas e guarnições.

AVEIRO

Rua Colimbra n.º 9

Alzira Pinheiro Cheves

mente nos vimos livrando desde 1910.

O *Século*, criticava judiciosamente, há dias, o facto de as bandas regimentais não tocarem periodicamente, como os regulamentos militares ordenam, para o público.

O mesmo se dá em Aveiro, e lamentavelmente. De quem a culpa, porém, se aqui, ao contrário do que se verifica em Lisboa, os músicos não vão tocar a teatros?

O sr. Gomandante Militar, logo que tal se lhe solicita, imediatamente consente que a Banda do 24 toque em festas, como a que amanhã se vai efectuar no Campo do Côjo. O chefe, que logo a acompanha e rege, não se nega a apresentá-la em público.

A culpa, pois, é... do coreto do Jardim Público, que nunca mais está pronto.

Falta de operários? Falta de materiais? A Câmara Municipal, ao que nos consta, está envidando os possíveis esforços porque no coreto se faça o que há muito devia estar concluído.

Joaquim Simões Peixinho

Advogado

Mudou o seu escriptorio para a Rua das Barcas

FARMACIA

Passa-se, na provincia, bem afreguezada e em ótimas condições.

Informa esta redacção.

Campeão das Provincias 26-5-923

RAVL PEREIRA & C.ª L.ª DA
OVP. IVE S. JOALHEIROS



JOLAS, PRATAS, FILIGRINAS.
RUA 31 DE JANEIRO, N.º 53
PORTO

ALFAIATARIA

DE

JOSÉ MOREIRA DIAS, L.ª

Sortido completo de fazendas nacionais e estrangeiras

Fatos no rigor da moda

Especialidade em obra de Cinta e Militar

Gravataria — Perfumarias

R. José Estevam e Manuel Firmino

AVEIRO

VENDE-SE

Uma cama, nma cómoda e uma mesa de cabeceira, todas em pau preto e antigas.

Trata-se nesta redacção.

Nas nossas officinas executam-se trabalhos tipográficos em todos os géneros: crivação de talões, cartões de visita, rótulos, facturas, prospectos, memoranduns, etiquetas, etc., etc., para o que temos pessoal habilitado e máquinas apropriadas, a preços sem competência.

“Campeão das Provincias,”

Cesar Fontes

Medico

CLINICA GERAL

SIFILIS, VIAS URINARIAS

OPERAÇÕES

Consultas na Avenida da Estação n.º 8 da 1 às 4. Chamadas em casa, Travessa do Alfena, n.º 8.

Vamos proceder á cobrança dos trimestres de Junho e dos semestres atrasados. Encarecidamente pedimos aos nossos presados assinantes o favor de não devolverem os recibos, com o que nos evitarão grandes e repetidas despesas. E certos de que seremos atendidos, desde já a todos mantistamos o nosso reconhecimento.

Testa & Amadores

ARMAZENS DE MERCEARIA POR GROSSO
* FERRAGENS, CEREAIS E AZEITES *

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

Depositários do OPORTO OIL COMPANY ≡ Telegramas: TESTA
ua Eça de Queiroz — AVEIRO

Banco Nacional Ultramarino

Emissor para as colónias portuguesas

Sociedade anónima de responsabilidade limitada, com séde em Lisboa

CAPITAL AUTORIZADO, 48 MILHÕES; REALIZADO, 24 MILHÕES; FUNDO DE RESERVA, 24 MILHÕES

Filial em Aveiro—Rua João Mendonça—EDIFÍCIO PRÓPRIO

Aluguer de cofres fortes

N.º 1, 9\$00 semestrais ou 12\$00 anuais
N.º 2, 10\$00 " ou 15\$00 "
N.º 3, 15\$00 " ou 20\$00 "

Estes cofres garantem a maior segurança contra roubo e incêndio. Cada locatário recebe a UNICA chave especialmente fabricada para o seu compartimento, podendo à sua vontade estabelecer o segredo da fechadura.

O acêso aos cofres tem lugar todos os dias úteis, das 10 1/2 às 15 1/2 horas

"A ELEGANTE"

ESTABELECIMENTO DE ... S
FAZENDAS E MODA

Camisaria e gravataria

ARTIGOS DE NOVIDADE PARA CONFECÇÕES
Perfumarias e bijuterias

— Pompeu da Costa Pereira —
Rua José Estevam AVEIRO Rua Mendes Leite

CIMENTO

Para obras de responsabilidade. Barras de aço para cimento armado. Produtos impermeabilizadores e endurecedores para cimento.

Sociedade Comercial Financeira, Ltd.^a

Telefones. C 197 e 5267.

Rua do Alecrim, 65, 1.º—Lisboa

Eduardo Trindade

Venda de bicicletas e acessórios. Oficina de reparações

Representante das motocicletas F. N., GLYNO e EXCELSIOR

RUA JOÃO MENDONÇA, 1, 1-A e 1-B
Aveiro

Armazem de sedas

LENÇOS, Gravatas, Damascos, Nobrezas, e outros tecidos de seda. Sedas para bordar e molas para vestidos. Preços de concortencia. Vendas só por junto. Pedidos a AGOSTINHO DE OLIVEIRA ROCHA & IRMÃO—Rua do Bomjardim 306, 1.º—PORTO.

Estabelecimento de ferragens, vidraças e tintas
MERCEARIA

Grande deposito de cimentos nacionais e estrangeiros. Adubos, sulfato e enxofre.—Agente da Companhia de seguros "PROBIDADE."

Domingos Leite & C.^a, L.^{da}
Rua José Estevam, 5, 5-A e 5-B
AVEIRO

Livraria VIEIRA DA CUNHA

—Rua Direita n.º 70 AVEIRO—

Grande sortimento de papelaria—Artigos de escritório—Sacas para livros—Louzas—Artigos para desenho e pintura—Perfumarias—Sabonetes—Quinquilherias—Postais ilustrados, etc.

Alfaiataria e fazendas

João de Deus Marques & C.^a, L.
Gravataria
Camisaria
e Perfumaria
Rua João Mendonça—AVEIRO

SEDAS-SEDAS-SEDAS
SEDAS largas e estreitas para vestidos, blusas, guarnições e forros. SEDAS para sombrinhas e guarda-chuvas. SEDAS para cortinas de automoveis e trens. SEDAS em meadas para bordar. DAMASCOS DE SEDA para colchas, estojos, paramentos e ornamentações. NOBREZAS DE SEDA, tudo a preços modicos. Tem sempre uma grande variedade em existencia. CASA DAS SEDAS, rua de Santa Catarina, 137—PORTO.

Tomaz Vicente Ferreira

Fatos para passeio e cerimonia. Gabões e capas de agasalho

Alfaiataria
RUA DIREITA—AVEIRO

Empresa de Louças e Azulejos, L.^{da}

AVEIRO-PORTUGAL
Fundada em 1919
Premiada em primeiro lugar na exposição realizada na Tapada d'Ajuda pela Associação-central-de-agricultura, e com medalha de ouro de 1.ª classe na exposição organizada em Vizeu durante o Congresso-beirão, únicas a que tem concorrido.
Bannaux decorativos—Louça artistica

SAPATARIA TEIXEIRA

Aveiro—Rua Direita—10
FAZ E CONCERTA calçado para homem, senhora e creança pelos ultimos modelos e minimos preços. Garante a excelente qualidade dos cabedais e mais material que emprega

Manuel Maria Moreira

Fazendas brancas e de lã, retrozeria e modas.
BIBERONS E MIUDEZAS, BANOS GRUS, BRETANHAS FINAS, ENXOVAS BABA BATISABOAS
Rua Coimbra, 11—(Antiga Rua da Costeira)
AVEIRO

Salgueiro & Filhos, L.^{da}

Deposito de tabacos nacionais e estrangeiros
Delegados da Companhia "Sagres," seguradora
COMISSÕES, CONSIGNAÇÕES
Haeiro—Praça Luís Cipriano

Fabrica de Louça e Azulejos DA FONTE NOVA AVEIRO

—DE— Manuel Pedro da Conceição
Premiada em varias exposições
Vasos, balaustres, louça de uso comum e de fantasia, azulejos em paneaux em todos os estilos, e de revestimento de paredes.

LIVROS ... VENDEM-SE:

Dicionário de Português do Dr. Cândido de Figueiredo, 2 vol., encadernados, por 70\$00
Traité élémentaire de Géometrie Analytique, de M. Auguste Comte
Dirigir pedidos a esta redacção

Mercearia Aveirense DE Francisco Porfirio da Silva
Café, Papelaria e Miudezas
Rua do Gravito
AVEIRO

Antonio José da Fonsêca
Cereais e legumes
Estarreja—Pardelhas

Armazem de Sola, Cabedais e Calçado em todas as medidas, formas e qualidades
FABRICO MANUAL —DA— Sapataria Mgueis
O que de melhor, mais moderno e mais em conta se encontra.
Rua Coimbra—AVEIRO

Salão COSTA DE Ana Teixeira da Costa
Atelier de chapéus modelos, confeções e concertos, para senhora e creança. Grande sortido em plumas, sedas, veludos e outros enfeites.
EXPOSIÇÃO PERMANENTE
Falar Na de Estação, 88

guarda-chuvas baratos

Grande variedade em existência, assim como Sombrinhas, tanto em da como em algodão, a preços módicos. Só se encontram na Casa das Sêdas, na rua de Santa Catarina, 137—PORTO. Nas oficinas da mesma Casa das Sêdas, concertam-se guarda-chuvas avariados. Cobrem-se também com algodão ou seda. Serviço rápido, económico e garantido.

Grandes Armazens do Chiado--AVEIRO

Tudo melhor e mais barato. Completo sortido de todos os artigos próprios para a presente estação.

Unica casa de preço fixo em AVEIRO

A Mobliadora — José Augusto Ferreira & Filho Aveiro—Praça do Comércio

Móveis em madeira e ferro—Colchoaria—Tapeçaria—Oleados—Carpetes—Cristais—Louças em porcelana e esmalte—Objetos de enfeite a toilette—Decorações.

O mais vasto estabelecimento no género

HERPETOL



DA UM

Alivio instantaneo

SOFRE DE COMICHÃO provocada pelo ECZEMA e outras DOENÇAS da PELE? A aplicação de umas gotas de HERPETOL fará desaparecer rapidamente a comichão.

O HERPETOL CURA. A atestá-lo temos os inúmeros pedidos recebidos desde que foi lançado no mercado este medicamento, que tem realizado CURAS MARAVILHOSAS. A acção do HERPETOL é muito poderosa, penetra na pele e ataca os germens que se encontram nos tecidos, os quaes são a causa de todo o mal. É de um maravilhoso efeito para limpar a pele de ESPINHAS, ERUPÇÕES, MORDERURAS DE INSECTOS, ECZEMAS DUMIDO e SECO e CRÓSTAS DURAS.

A venda nas principais farmacias e nos depósitos, em Lisboa, Rua da Prata, 27, 1.º, e Porto, Rua das Flores, 153—157

CHAPELARIA "IDEAL,"

Eduardo Coelho da Silva Rua Direita, 12-A e 12-B—AVEIRO Oficina de chapéus e guarda-soes

Prontidão e esmero em todas as encomendas, pois está perfeitamente montada para isso. Sortido de novidade em bonés e chapéus para homem e creança. Transforma para qualquer gosto. Oficina de guarda-soes; concertam-se e cobram-se com segurança. Lindo sortido de guarda-soes e bengalas de castões modernos. Vende cordas artificiais, bouquets, etc., para fua

Veneziana-central

Tabacaria, papelaria, perfumaria, quin-quilharias e artigos de novidade. Deposito das aguas de Vidago, Pedras Salgadas e Entre-os-Rios Depositarios das aguas da Curfa e dos refrigerantes Sameiro Mendes da Gosta & C.ª Arcos e Entre-Pontes

Chicória Sociedade Produtora de Chicória, Lid.—Rua Manuel Firmino, 33—AVEIRO.

Chicória seca em grande quantidade e da melhor procedencia. Sementes de origem Mgdburg, importadas directamente da Alemanha, sementes de outras qualidades. Representantes da casa

Carl Beck & C.ª Aceitam-se encomendas de qualquer semente de legumes, chicória ou beterrabas.—Preços modicos. Pedir esclarecimentos na sede desta sociedade.

Confeitaria Mourão, Snc.ª

Sempre os mais finos doces de ovos, especialidades da terra. Fornece serviços de chá e sobremesa. Despacha em condições para o paiz, Africa e Brasil. Descontos aos revendedores. OVOS MOLES em latas ou barricas. Mariscos em conserva. Baguetes assadas à pescador.

Rua Colmbra—AVEIRO

HOTEL AVEIRENE —AVEIRO

Ruas do Gravito e do Seixal Instalações em ampla casa apropriada Aceio, higiene e conforto.

2811000000 SERVIÇO DE COZINHA

Ricardo da Cruz Bento COM

Estabelecimento de mercearia, azeite e vinhos finos.—Licores, xaropes e aguardente.—Papelaria, objetos de escritório e diversas miudezas.—Lônas para navios—Breu preto, louro e cru, utensilios para amanho de barcos, cordeame e poleame. Vendas por junto e a retalho Praça do Peixe—AVEIRO

Empreza Central Portuguesa, L.ª

(Sucessora de Maia, Martins & Ct.ª, Suc.) 90—Rua Almirante Gândido dos Reis (à Estação)—AVEIRO—

Deposito de massas alimenticias, bolacha, e artigos de mercearia Cereais, farinhas e sementes Carboneto, sabão, cimento, sal, etc., etc;

Companhia "Probidade," de Seguros

SEGUROS TERRESTRES E MARITIMOS

Agentes

Domingos Leite & C.ª, L.ª AVEIRO

Tabacaria Moderna DE José Augusto Couceiro

Tabacos nacionais e estrangeiros, boquilhas, cigarreiras, tabaqueiras, etc. Tintas, livros, papel e outros objetos para escritório. Tintas para pintar a oleo e aguarelas. Postais ilustrados. Perfumarias. Camisaria e gravataria. Cervejas e aguas. Artigos tipograficos em todos os generos. Encadernações. Avenida Bento de Moura, n.º 1-A—AVEIRO

Officinas de Serralheiro e Segelro Carlos Migueis Picado

Executa com a maxima perfeição, prontidão e segurança, portões, grades (estilo antigo ou artonova) lavatórios, camas, estanca-rios, motores a vento, depósitos, carros, etc., e faz todos os concertos nestes artigos.

Construe fogões para lenha e carvão, cofres à prova de fogo, etc. Mobiliario, louça em barro e esmaltada, colchoaria, etc.—Officinas Largo da Apresentação — Deposito Rua Direita—AVEIRO

Padaria BIJOU, de Macedo & Estevam

Pa de todas as qualidades e tamanhos á hora indicada AVENIDA BENTO DE MOURA —AVEIRO—

CARNES Frêscas e salgadas

Vaca, vitela e cevado Salchicharia—Pingue—Triça para enchidos Avenida Agostinho Pinheiro JOÃO LOPES Aveiro

"Luzostela," Fabrica de lixa e outros produtos

Lixas de todas as qualidades em vidro e esmeril, tanto em pano como em papel. Pó de esmeril especial para limpar colheres ferreira & Irmão—AVEIRO

HERBIRA & GUIMARÃES

Armazem de cabos, lonas e aprestos de navios SEGUROS E COMISSÕES RUA DO CAIS, 13—AVEIRO

VIDEIRAS AMERICANAS

BARBADOS e enchêrtos das mais resistentes e produtivas castas. Enchêrtos de pereiras das mais finas qualidades. Manuel Rodrigues Pereira de Carvalho AVEIRO—REQUEIXO

Domingos L. da Conceição

—PARDELHAS—ESTARREJA— Solicitador encarregado e agente de passagens e passaportes Serviços de procuradoria e andamento de todos os processos: civeis, comerciais, orfanológicos, criminaes, etc. Obtem passaportes e fornece passagens para todos os portos do estrangeiro e Africa-portuguesa mediante sobrel remuneração.

sal e pescado—

larga escala, para o paiz e estrangeiro, ROQUE FERREIRA PATACÃO.

Praça do Peixe—AVEIRO

Serralheria de ferragens para construções

Estabelecimento de ferragens nacionais e estrangeiras. Cutilaria, ferramentas, ferro, aço, carvão, etc., etc. Ricardo M. da Costa,—Rua da Corredoura—AVEIRO.

MOBILS Grandes armazens e oficinas de Jaime da Rosa Lima

Completo sortido de mobílias em todos os estilos. Móveis avulsos: Espelhos, molduras, tapetes, oleados e muitos outros artigos. Executa com prontidão por atacado e retalho. Oficina pessoal habilitado para todos os trabalhos concernentes à arte. Restaurações, polimentos, etc. Preços sem competência. Rua José Estevam, 23, 23-A

Rua dos Mercadores, 8, 1-A AVEIRO



Mala Real Inglesa

PAQUETES CORREIOS A SAIR DE LEIXÕES

Desna em 23 de Maio, para o Rio de Janeiro, Santos e Buenos-Ayres.

Avon em 28 de Maio, para a Madeira, S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Monteviden e Buenos-Ayres.

Demerara em 6 de Junho, para o Rio de Janeiro, Santos, e Buenos-Ayres.

Estes paquetes sahem de Lisboa no dia seguinte e mais os Paquetes

Almanzora em 12 de junho, para a Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Ayres.

Andes em 3 de Julho, para a Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos Montevideu e Buenos-Ayres.

Nas agencias do Porto e Lisboa podem os srs. passageiros de 1.ª classe escolher os beliches á vista das plantas dos paquetes, mas para isso recomendamos toda a antecipação. Esta Companhia tem carreiras regulares de paquetes de Hamburgo a New-York, com escala por Southampton e Cherbourg.

AGENTES No Porto:

TAIT & C.ª

19, Rua do Infante D. Heurique. Em Lisboa:

JAMES RAWES & Co. Rua do Corpo Santo, 47, 1.ª